

Notícias e Notas de Leitura

XVII Congresso de História da Coroa de Aragão (Barcelona e Lérida, 7 a 12 de Setembro de 2000)

Subordinado ao tema "O Mundo Urbano na Coroa de Aragão de 1137 aos Decretos da *Nova Planta*", este encontro reuniu mais de uma centena de investigadores de vários países, cujas comunicações se distribuíram por quatro blocos temáticos: A base económica do mundo urbano; A sociedade urbana: mecanismos de integração e expressões de transgressão; Município e Poder; Arte e Cultura. A presença de oito historiadores portugueses permitiu que eles elessem um representante para a Comissão Permanente dos Congressos da Coroa de Aragão. Foi designado o Prof. Luís Adão da Fonseca.

Luís Miguel Duarte

Congresso Projecto Resgate & Agenda do Milénio (S. Paulo, 25 a 27 de Setembro de 2000)

Reunindo várias dezenas de historiadores de diversas universidades brasileiras e portuguesas, este encontro de trabalho pretendeu fazer um balanço historiográfico por grandes áreas temáticas e tentar destacar os domínios em que a investigação se deve preferencialmente centrar nos próximos anos. Subjacente ao balanço e às propostas, esteve sempre o problema da escassa cooperação e tradição de projectos comuns entre Portugal e o Brasil, começando desde logo nas dificuldades de acesso às respectivas bibliografias. Os participantes dividiram-se por seis sessões simultâneas: Cultura e Religiosidade; Dinâmicas Locais e Sistema Mundial; História Económica; Sociedade e Movimentos Sociais; Demografia, Família e Migrações; Historiografia e Memória Social. Cada sessão teve um coordenador português e outro brasileiro; trabalhou-se com base em textos previamente apresentados por todos os intervenientes. No final, um relator de cada grupo apresentou as conclusões e propostas que foram discutidas em sessão plenária.

O Projecto Resgate consiste essencialmente, como é sabido, em inventariar, reproduzir e disponibilizar, no Brasil, documentação que se entenda como relevante para a história deste país e que esteja em Arquivos portugueses.

Luís Miguel Duarte

VII Colóquio de Estudos Medievais e Ibéricos (Niterói, 3-5 de Outubro de 2000)

Organizado pela Universidade Federal Fluminense e sob o título genérico "O Ocidente Tardo-Medieval e a Génesis da Modernidade", este colóquio reuniu cerca de vinte investigadores, quatro dos quais portugueses. Estes animaram em particular a Mesa Redonda de encerramento, discutindo "A Investigação Histórica no período tardo-medieval e no início da Modernidade. Problemas e questões para brasileiros e portugueses". Paralelamente, decorreu uma exposição de Iluminuras Medievais, intitulada "Cristianismo e Memória nas Imagens do Ocidente Tardo-Medieval".

Luís Miguel Duarte

Las finanzas municipales y la fiscalidad de Estado

(Madrid, 26-27 de Outubro de 2000)

Desde há vários anos que um grupo de historiadores espanhóis e franceses tem vindo a trabalhar sistematicamente a fiscalidade medieval. Sucederam-se os encontros alargados ou restritos, os seminários de trabalho e as publicações que vão aprofundando, um após outro, os vários domínios daquele tema genérico. O grupo está actualmente a estudar "A fiscalidade de Estado e a fiscalidade municipal nos reinos hispânicos da Baixa Idade Média". A segunda sessão deste seminário decorreu sob o patrocínio da Casa de Velásquez, em Madrid, nas datas referidas acima, reunindo quinze investigadores espanhóis e franceses, bem como um português. Encerrou com uma exposição de um especialista na Época Moderna, que sintetizou as principais linhas de força dos sistemas fiscais a partir do século XVI. Embora não produza actas, este encontro deu origem a um volume de estudos de publicação próxima.

Luís Miguel Duarte

Portugal Medieval

(Torre de Moncorvo, Outubro-Dezembro de 2000)

Organizado pela Biblioteca e pela Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, decorreu o "Primeiro Ciclo de Conferências *Portugal Medieval*", que constou de oito conferências proferidas por docentes do Instituto de Documentação Histórica da Faculdade de Letras do Porto.

Luís Miguel Duarte

De Pedro Docem ao Conde Ferreira: aspectos da História Portuense

(Novembro-Dezembro de 2000)

Organizada pelo Círculo Dr. José de Figueiredo, decorreu no Museu Nacional Soares dos Reis uma série de cinco palestras genericamente subordinadas à História do Porto. Foram conferencistas Luís Miguel Duarte, Francisco Ribeiro da Silva, Jaime Ferreira-Alves, Jorge Fernandes Alves e Luís de Oliveira Ramos.

Luís Miguel Duarte

2000 Anos de Cristianismo

(Macedo de Cavaleiros, Dezembro 2000-Maio 2001)

Organizado pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, e contando com o apoio da Diocese de Bragança-Miranda, realizou-se nesta cidade um ciclo de conferências intitulado "2000 anos de Cristianismo". Os temas das sete sessões foram: "Nascimento de Cristo e de uma nova civilização"; "Origens do Cristianismo"; "História da Igreja"; "Cristianismo e Solidariedade"; "O Papel das Mulheres no Cristianismo"; "O Novo Milénio" (duas conferências). A Faculdade de Letras do Porto esteve representada pelos docentes Luís Carlos Amaral, Luís Miguel Duarte e José Amadeu Coelho Dias.

Luís Miguel Duarte

Jornadas Históricas do Concelho de Gouveia (22-24 de Março de 2001)

Patrocinadas pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Gouveia, organizadas pelo Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tendo como coordenador científico o Prof. Dr. José Pedro Paiva, esta reunião contou com 23 comunicações de investigadores das várias universidades portuguesas (três dos quais da Faculdade de Letras do Porto). As *Actas*, que serão publicadas em Outubro, constituirão por certo um marco na história da cidade e da região.

Luís Miguel Duarte

“European Social Science History Conference” (Amesterdão, 12-15 Abril 2000)

Realizou-se em Amesterdão, entre 12 e 15 de Abril de 2000 a “Third European Social Science History Conference”, organizada pelo ISIG (International Instituut voor Sociale Geschiedenis), congregando mais de mil participantes de universidades e centros de investigação de todo o mundo. As comunicações distribuíram-se por 28 secções distintas: África, América Latina, Ásia, Cultura, Economia, Educação, Elites, Etnicidade / Migração, Família/ Demografia, Desigualdade Social, Género/ Mulher, Geografia, Governo e Política, História Oral, História Rural, História Urbana, Idade Média, Infância, Justiça Criminal, Métodos Quantitativos, Movimentos Políticos, Nações, Religião, Saúde, Sexualidade, Tecnologia, Teoria e Historiografia, Trabalho. As diversas secções funcionaram em sessões de trabalho previamente organizadas por um responsável científico, segundo uma metodologia já vulgarizada neste tipo de encontros.

A despeito da eficácia da organização e das vantagens oferecidas pela presença de algumas das mais cotadas editoras internacionais, nomeadamente do mundo anglo-saxónico, um evento com esta dimensão inviabiliza um cabal aproveitamento, quer da participação no número desejável de sessões, pelas inevitáveis sobreposições de horários, quer do estabelecimento de contactos com investigadores com interesses afins. Não sendo as actas, nem os resumos, disponibilizados em qualquer suporte, resta ao investigador interessado o contacto directo com o responsável da secção, ou da sessão visada, e o recurso ao endereço electrónico de todos os participantes, incluído na documentação distribuída.

Participaram no encontro três grupos de investigadores portugueses, um deles ligados ao projecto PACO (Projecto para a análise e classificação das ocupações), coordenado por Nuno Luís Madureira, do ISCTE, que apresentou um painel dedicado ao trabalho, numa perspectiva histórica e antropológica.

A próxima realização está prevista para 27 de Fevereiro a 2 de Março de 2002, em Haia. As inscrições poderão ser feitas através da página do ESSHC: <http://www.iisg.nl/esshc>

Amélia Polónia

Projecto PACO (Programa Praxis/ PCSH/ 175/96)

Concluiu-se em Outubro de 2000 o projecto PACO (Projecto para a Análise e Classificação das Ocupações), financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia. O projecto foi o resultado de uma cooperação inter-universitária, e agregou o ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da

Empresa), a FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e o ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional de Lisboa), através de equipas de investigadores, coordenadas, respectivamente, por Nuno Luís Madureira, Inês Amorim e Alcina Villalva. A equipa da FLUP era ainda constituída por Luís Carlos Amaral, Amélia Polónia, Arnaldo Melo e Isabel Franco como investigadores, integrando, como tarefeiros, alguns recém-licenciados: Célia Rego, Rui Esperança e Luís Cravo.

Perspectivado sob um ângulo inter-disciplinar, o trabalho estruturou-se em segmentos de História Medieval, Moderna e Contemporânea, Linguística, Sociologia e Antropologia e visou dilucidar problemas suscitados pela classificação das ocupações na diacronia (séculos XV a XX), mobilizando levantamentos documentais e análises metodológicas múltiplas. Os levantamentos documentais e a análise e tratamento de dados foram actividades suportadas pela criação de bases de dados desenhadas pelos investigadores participantes e implementadas por Pedro Ramos (ISCTE). O projecto agregou uma dupla vertente, teórica e prática, e implementou uma série de encontros científicos, de que destacamos:

- a realização, em Outubro de 1996 e em Dezembro de 1997, de encontros de reflexão teórica, com a presença de historiadores, linguistas, sociólogos e antropólogos;
- as conferências proferidas por Marco Van Leeuwen (Departamento de Economia e História Social da Universidade de Amesterdão) no ISCTE e na FLUP, em Maio de 1999, sobre “Long Term Historical Social Analysis”;
- o seminário centrado na discussão de “Classificações Ocupacionais e Classificações Sociais (Porto, FLUP, Outubro 1999);
- a participação de uma equipa constituída por Nuno Luís Madureira, Nuno Monteiro, Graça Índias Cordeiro, Inês Amorim e Amélia Polónia na “Third European Social Science History Conference” (Amesterdão, 12-15 Abril 2000), com a apresentação de comunicações na área da História e da Antropologia, num painel dedicado à análise das ocupações em Portugal.

Apresentam-se, ainda, como realizações do projecto:

1. A participação no projecto HISCO (Historical International Standard Coding of Occupations), através da criação de bases de dados com as mais frequentes ocupações de múltiplos espaços mundiais, em ordem a estudar aspectos de mobilidade social e estratificação social, contando esse projecto, em 1999, com a participação de equipas da Bélgica, Canadá, Inglaterra, França, Suécia, Holanda, a que se juntou Portugal, através do PACO, com o levantamento de 1800 ocupações (“1800 Portuguese Historical Classifications”);
2. A publicação das actas do seminário realizado na FLUP, em Outubro de 1999, sob o título “Qualificações, Memórias e Identidades do Trabalho” (coordenação de Inês Amorim), financiada pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (No prelo);
3. A publicação, em forma de dicionário, da “História do Trabalho e das Ocupações”, em três volumes, dedicados, respectivamente, à Indústria Têxtil (coordenação de Nuno Luís Madureira - ISCTE), Pesca (coordenação de Inês Amorim - FLUP) e Agricultura (coordenação de Nuno Monteiro - ISC), já no prelo.

Importa que se destaque deste projecto, que decorreu com êxito e proveitos recíprocos, a colaboração, quer inter-disciplinar, quer inter-universitária, que cremos ser o caminho a seguir em ordem ao aprofundamento da investigação na área das Ciências Sociais e Humanas.

“O Litoral em Perspectiva Histórica (séc.XVI a XVIII)”

(Porto, FLUP, 6 e 7 de Novembro de 2000)

Realizou-se nos dias 6 e 7 de Novembro de 2000, nas instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, um Seminário interdisciplinar intitulado “O Litoral em Perspectiva Histórica (séc. XVI a XVIII)”. Esta acção integrou-se nas linhas de investigação programadas pelo Instituto de História Moderna da Universidade do Porto (IHM-UP) (A. Os portos do Noroeste na época moderna; B. Poder e Ordenamento territorial), na sequência das quais foi elaborado um projecto específico de investigação: *Hispertos – Para a construção dos Portos do Noroeste Português da Época Moderna*, projecto pluridisciplinar que pretende incidir sobre duas vertentes: projecção e consolidação dos recintos e infra-estruturas portuárias e sua implantação urbana.

Os objectivos que nortearam este Seminário foram, por um lado, os de reunir investigadores de filiação disciplinar diversa, que tivessem já desenvolvido trabalho sobre os espaços litorais, no intuito de se fomentar a discussão em torno de conceitos, perspectivas de análise, metodologias e modelos de interpretação e, por outro lado, partilhar o conhecimento de fundos documentais locais e nacionais, públicos e particulares, seculares e/ou ecelesiásticos que pudessem incrementar a informação existente sobre os portos do Noroeste. Finalmente, procurou-se sensibilizar a comunidade científica em geral e a comunidade escolar em particular, para uma problemática que se enquadra nos conteúdos programáticos da licenciatura e fazer despertar, nos ainda alunos, o interesse pela investigação, no quadro de futuras pós-graduações.

Estiveram presentes investigadores locais e docentes e investigadores das seguintes Universidades: Universidade Aberta, Universidade de Évora (Departamento de História), Universidade de Coimbra (Departamento de História e Departamento de Geografia), Universidade de Braga (Departamento de Ciências da Terra), Universidade do Porto (Departamento de Geografia, Departamento de Património, Departamento de História) e, finalmente, o Prof. Agustin Guimerá, do Instituto de História - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, de Madrid.

Apresentaram-se 28 (vinte e oito) comunicações distribuídas pelos dois dias do encontro, cujo programa e respectivos resumos se encontram descritos em brochura própria, distribuídas por sessões temáticas e uma conferência de fundo. As sessões de trabalho desenvolveram os seguintes conteúdos: cartografia, fundos documentais, descrições geo-históricas e geomorfológicas, ordenamento florestal, agrícola e pecuário; ordenamento dos recursos marítimos e fluviais; ordenamento de infra-estruturas administrativas e fiscais; ordenamento militar, ordenamento das trocas, ordenamento religioso. A conferência do Prof. Agustin Guimerá, intitulada “*Puertos y ciudades portuarias: el comercio del vino y los puertos atlánticos (siglo XVIII)*” apresentou uma visão integradora, interdisciplinar, internacional e de longa duração dos sistemas portuários europeus e coloniais durante a Idade Moderna.

Tendo em conta a adesão de participantes e as repercussões no meio científico, o Seminário cumpriu os seus objectivos ao conseguir reunir um conjunto de investigadores com perfis diferenciados mas com olhares cruzados sobre as temáticas em causa, equacionar metodologias interdisciplinares e multidisciplinares, debater problemáticas no sentido de responder às perspectivas lançadas de múltiplos ângulos, sensibilizar para a temática e o trabalho interdisciplinar estudantes de licenciatura e de mestrado, potenciais investigadores.

Procurando atender às solicitações apresentadas à comissão organizadora do encontro no sentido de se proceder à divulgação integral das comunicações, iniciou-se o processo de publicação das respectivas actas. De momento os resumos das comunicações podem ser consultadas na página do IHM-UP (Instituto de História Moderna da Universidade do Porto) <http://www.lettras.up.pt>

O Porto Contemporâneo

I Curso de Verão do Instituto de História Contemporânea da FLUP

Entre os dias 21 e 23 de Setembro de 2000, realizou-se na Faculdade de Letras do Porto o I Curso de Verão organizado pelo Instituto de História Contemporânea e subordinado ao tema *O Porto Contemporâneo*. Este curso obteve cerca de oito dezenas de inscrições e foi leccionado por dez investigadores, na sua maioria membros do referido Instituto. Após a recepção aos participantes, o presidente do Conselho Directivo da FLUP, Professor Doutor Rui Centeno, realizou a sessão inaugural do curso.

Foram oradores, no primeiro dia, o Dr. Manuel Loff com um estudo sobre *A exposição colonial do Porto (1934) e a "Política do Espírito"*; o Professor Doutor Gaspar Martins Pereira abordou *O movimento operário no Porto: do corporativismo ao anarco-sindicalismo*; o Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves realizou uma palestra sobre *O arranque do ensino industrial no Porto (1884-1910)*, seguindo-se-lhe outra sobre *O ensino liceal da cidade do Porto (séculos XIX e XX)* a cargo do Dr. Luís Grosso Correia. No dia seguinte, os trabalhos foram iniciados pela Professora Doutora Maria Antonieta Cruz que dissertou sobre *A burguesia portuense na segunda metade do século XIX*; em seguida, a Professora Doutora Maria José Moutinho dos Santos apresentou um estudo sobre *Controlo social e forças de polícia no Porto da 2ª metade do século XIX*; a sessão da tarde ficou a cargo do Dr. Maciel Morais Santos que tratou de *Motores de vapor e motores eléctricos no capital industrial do Norte*, e do Professor Doutor Jorge Fernandes Alves que partilhou a sua investigação sobre *Transportes públicos urbanos: o caso do Porto*. No último dia realizaram-se mais duas conferências: o Dr. Hélder Pacheco falou de *Tradição e mudança numa cidade com memória: os desafios do século XXI*, e o Professor Doutor José Alberto Rio Fernandes apresentou um estudo sobre *Porto e Área Metropolitana: realidades e projectos*.

A diversidade e actualidade das matérias abordadas suscitou, ao longo das sessões, debates participados. Algumas das comunicações proferidas neste curso encontram-se publicadas no presente número desta Revista.

Maria da Conceição Meireles Pereira

História Religiosa de Portugal, (dir. de Carlos Moreira Azevedo), vols I e II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000; *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, (dir. de Carlos Moreira Azevedo), vols. I-IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2001.

Nos últimos dois anos, o panorama editorial português foi enriquecido com uma obra em sete volumes, estruturalmente dispostos em dois planos complementares, sob os títulos de *História ...* e *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, mencionados em epígrafe, que, não obstante algum reparo que, mais à frente, se possa fazer, me apraz saudar, não só pelo que é em si mesma, mas também pelo trabalho e coragem - direi mesmo ousadia - que representou este projecto, prestes a ficar concluído.

No seu conjunto, esta obra pretende contribuir para, de algum modo, colmatar a cada vez mais sentida falta de respostas aos crescentes anseios e necessidades de conhecimentos actualizados, científicos e, quanto possível, interdisciplinares sobre a Igreja, a Religião, suas instituições, agentes e instrumentos, orientações e desvios, numa correlação entre a *normativa*, o sentir global e as posições individuais, dado que, em cada época histórica e na actualidade, o indivíduo não pode deixar de se interrogar sobre o que é, onde está e qual o rumo a seguir. O aparecimento desta ou de outra obra do género impunha-se, para equilibrar as ausências e até a pobreza do tratamento dado a temas e problemas, que, apesar de serem essenciais, noutras obras, ficaram omissos ou à espera de melhor tratamento.

É certo que a *História da Igreja em Portugal*, de Fortunato de Almeida, a que, durante o século XX, todos recorremos, dentro do seu estilo, ainda continua a ser útil, dado que não há nem haverá Histórias completas.

Esta obra, muito *a posteriori*, responderia a um velho anseio do Cardeal Patriarca D. António Ribeiro de uma nova *História da Igreja em Portugal*, a que alguns, talvez, sem a verdadeira consciência da dimensão da responsabilidade que, então, um tal projecto representava, queriam dar corpo. Foi por isso que escrevi, no *Diário do Minho*, de 29 de Outubro de 1987, o artigo *Primeiro a "Lusitania Sacra"*, em que apelava à prévia elaboração de monografias e estudos, sem os quais pouco se adiantaria no plano científico. Esta mesma ideia, epistolarmente debatida com o Prof. A. Banha de Andrade, não vingou. Entretanto, e sem qualquer ligação com ela, concretizou-se no *Dicionário...*, que integra esta obra, beneficiando de uma nova realidade cultural e científica, materializada em diversas dissertações de doutoramento e de mestrado, consagradas a temáticas de história eclesiástica e da religiosidade e problemas conexos, elaboradas e defendidas nas Universidades Portuguesas, podendo-se beneficiar também, agora, da existência de um significativo conjunto de especialistas, em contraste com o reduzido número, de então.

Por terem sabido aproveitar estas novas realidades, aliás, patentes nas notas finais de cada capítulo, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa e o Director do projecto, Prof. Doutor Carlos Moreira Azevedo merecem também referência especial.

Mas que pensar desta obra?

Antes de mais, devo confessar que não é fácil, depois do que fica dito e no curto espaço de uma *Revista* como esta, proceder à análise crítica, minuciosa, dos seis volumes desta obra, já publicados. Poderia parecer uma contradição, cometida logo ao virar da página. É certo que, no início, entreabrimos a possibilidade de chamar a atenção para um ou outro ponto, que, segundo o nosso critério, obviamente, distinto do dos Responsáveis por este projecto editorial, nos pareceram dignos de alguma breve observação, no âmbito da História. Além disso, conheço algumas dificuldades que os

Responsáveis pela obra, o Coordenador de algum volume e a própria Editora experimentaram para o fazer chegar, embora com certo atraso, às mãos do público, sendo de presumir que o terceiro volume anda, por aí, encajado nas mãos de um ou mais daqueles que tudo prometem e ... depois, logo se vê... Acresce, e isto é preciso dizer-se, que, em Portugal, lamentavelmente, não estamos habituados a fazer críticas serenas, objectivas, e alguns exemplos conhecidos são dissuasores para outros. Daí a impunidade com que muitos entram na seara da História, sem saberem como se pega na fouchinha. Todos sabemos que se devem assinalar os erros, sem ferir os autores, mas nem todos o fazem, e também não falta quem se sinta intocável. E o resultado está à vista. No caso presente, a circunstância de muitos colaboradores serem pessoas conhecidas, que muito prezo, e com as quais, há muito, tenho bom relacionamento, se por um lado constitui alguma dificuldade suplementar, por outro, deixa-me a certeza de que qualquer reparo que reconheçam, originado em texto da sua autoria, será entendido como se estivéssemos a trocar impressões, informalmente, sobre os assuntos em causa, não me faz desanimar.

Apreciar criticamente o trabalho dos outros implica sopesar - direi, mesmo, «censurar» -, as nossas próprias palavras, que, no entanto, às vezes, têm de ser devidamente condimentadas para que os destinatários as entendam.

Após esta digressão, cujo efeito poderá ser mais prático e importante de que o que direi sobre a obra em causa, talvez algum leitor possa admitir que estou a preparar-me para não dizer nada ou, então, para ser contundente. Tive um professor, com quem muito aprendi, que nos dizia que a leitura e a crítica de qualquer obra devem ser feitas “*com simpatia*” intelectual.

A primeira parte desta obra - a *História Religiosa de Portugal* - pretende ser uma obra de síntese, destinada a proporcionar aos leitores uma visão clara dos temas de natureza religiosa, escolhidos para cada um dos seus três volumes, na linha em que o Director desejava: - «O termo religioso é assim assumido num sentido genérico e global. Pretendemos caminhar para uma clara diferenciação dos condicionalismos dominantes da religião até ao presente. Ao policentrismo cultural está a suceder o policentrismo religioso, eclesial e teológico. Esta actual abertura de horizontes cria espaço para uma leitura dos múltiplos paradoxos, incongruências e contradições do fenómeno religioso em Portugal e concede liberdade crítica e consciência humilde a quem se aproxima do conhecimento histórico de uma realidade complexa: o mundo religioso» (vol. I, p. X). Nessa introdução geral, há outros níveis de análise, a que o Director do projecto vai descendo. Resta saber se todos os colaboradores tinham, desde o início da sua colaboração, uma noção clara das linhas deste projecto e se os respectivos trabalhos por elas se pautaram, pois na introdução ao vol. I, p. 10, as coordenadoras evocam a liberdade concedida a cada um dos colaboradores, dentro do respeito pelas suas concepções. Tal critério, embora louvável e aplicado na base da confiança mútua, não pode dispensar os responsáveis de uma obra - porque também eles são responsáveis e garantes do seu conteúdo perante o público - de, em boa harmonia e em diálogo, promoverem os reajustamentos, eventualmente, necessários. Não vá repetir-se, *mutatis mutandis*, o que o autor de *Autoelogio de un historiador* afirmou acerca de um projecto editorial em que havia colaborado: - «... el director de la empresa se quedó por la fijación de los períodos y, com gran generosidad, no se entemetió en los contenidos, ni siquiera en el plan de cada uno de los volúmenes. Y los varios coordinadores también no se coordinaram entre ellos - yo por lo menos no lo he hecho. El resultado es que esta *História de Portugal* - el mayor éxito editorial de todos los tiempos en Portugal - resulta como una série de trabajos, cronológicamente seguidos, mas tematicamente inorgánicos los unos respecto a los otros. El autor que firma el volumen responde, el solo por producto final. Ésta es la crítica de partida que yo hago. Pero en contracrítica se puede contestar que la libertad de cada uno logró su expresión total y por

eso también su responsabilidad es la más amplia. Lo que es verdad. Donde hay que asumir sus éxitos y sus fracasos sin culpar a nadie más que así mismo»¹.

Disse o que se pressentia, mas ninguém ousava afirmar. Pela minha parte, não posso deixar de estranhar que o tenha feito quem embarcou na mesma aventura e, ao chegar ao porto, procurou, em vão, demarcar-se da comitiva e saltar para terra firme, porque para quem não ler o seu auto-elogio continuará sempre embarcado.

Feito este breve desvio, voltemos à pergunta indirecta, acima formulada, pois é aqui que me parece estar subjacente uma certa indefinição, porque, não obstante pôr-se o acento no *religioso*, com toda a carga mental que lhe é inerente, sobretudo ao nível do *Dicionário*, são muitas as entradas em que o que predomina teria pleno cabimento numa história *eclesiástica*.

O facto de faltar ainda o vol. III obriga a centrar a nossa atenção apenas nos dois primeiros, já disponíveis, que revelam, sem qualquer sombra de dúvida, imenso labor, mesmo socorrendo-se, essencialmente, de obras publicadas ou policopiadas, mas acessíveis ao público, na Biblioteca Nacional de Lisboa ou em bibliotecas universitárias, ocupando-se o vol. I da *Formação e limites da Cristandade*, no espaço que hoje é Portugal, tratando o vol. II o vasto e importantíssimo tema do *Humanismo e reformas*, sendo, finalmente, o vol. III, cuja publicação se aguarda, consagrado ao estudo das raízes e evolução de um fenómeno de candente actualidade - *Religião e secularização* -, com especial incidência, por razões óbvias, nos séculos XIX e XX.

No confronto da estrutura destes dois volumes disponíveis, a distribuição dos nove grandes temas que integram o primeiro, em meu entender, deveria ser outra, começando pelos inícios e avanços da cristianização, que levou à progressiva organização eclesiástica, à medida das crescentes necessidades da cristandade, até porque foi no quadro desta primitiva organização e intervenção de vários dos seus prelados que se processaram o diálogo cultural e religioso e, mesmo, certos desvios doutrinários. Bem sei que o objectivo é a elaboração de uma História *Religiosa*, mas, sem a definição dos rumos da cristianização no ocidente peninsular e dos amplos quadros administrativos, o leitor menos conhecedor destes fenómenos, nos espaços e tempos precisos, não poderá assimilar convenientemente a extraordinária riqueza da acção doutrinária, pastoral e disciplinar que então se foi desenvolvendo, com especial referência à acção do grande S. Martinho de Dume-Braga e de outros prelados coevos, cujos efeitos, em parte, ainda perduram.

O critério dos Responsáveis foi outro - e nem sabemos se a opção tomada esteve dependente da necessidade de entregar trabalho à Editora, a fim de poder cumprir prazos estabelecidos. Seja como for, veria com agrado que numa futura edição, que certamente não tardará, houvesse uma nova reorganização, da primeira metade do primeiro volume. Tomei boa nota de que no vol. II, o breve capítulo relativo à geografia diocesana também se encontra numa posição já avançada do mesmo, perfeitamente aceitável, dado que as alterações operadas com a transferências interdiocesanas de territórios e a criação de novas dioceses, no século XVI e no período pombalino, não são essencialmente estruturantes, como acontecia nos séculos finais do Império e nos tempos suévicos e visigóticos, mais se podendo considerar *reajustamentos*.

Como disse, não é possível seguir todos os capítulos, nem procurar afirmações discutíveis para contemplar todos os colaboradores. Não é isso que nos interessa, mas em relação a certos termos téc-

¹ MAGALHÃES, Joaquim Romero de - *Autoelogio de un historiador*, in *Jornadas de Cultura Portuguesa*, (ed. científico Vicente A. Alvarez Palenzuela), Madrid, Univ. Autónoma, 1999, p. 392.

nicos teológicos, alguns de raiz grega, por exemplo, no âmbito das heresias cristológicas ou outras, conviria dar-lhes os necessários esclarecimentos, no texto ou em notas, no final dos respectivos capítulos, a fim de que os leitores que tomam contacto com estas realidades pela primeira vez pudessem facilmente compreender de que é que se trata. É que pouco adiantará falar, por exemplo, de homeísmo, arianismo, pelagianismo, priscilianismo, origenismo, kérigma, etc., se não se explicar, com a clareza possível, o essencial do conteúdo subjacente a estes termos ou outros, mercedores de idêntico tratamento. Uma história desta natureza e amplitude não se destina, apenas, nem essencialmente, a antigos e actuais alunos de Teologia, mas a um público muito mais vasto, que não tem obrigação de possuir o domínio desta terminologia.

Esta observação constitui apenas um exemplo. A resolução destes e de outros casos mercedores de tratamento similar, mesmo em matérias diferentes, é relativamente simples e podia fazer-se sem aumento significativo do número de páginas da obra, pois o espaço utilizado na dilucidação destes e de outros termos recuperava-se abreviando ou mesmo eliminando entradas que melhor se integrariam no ambiente de uma história *eclesiástica*.

Em contraste com este, o vol. II parece-me mais coerentemente ordenado.

Quanto ao *Dicionário*, a ordenação alfabética das entradas elimina o problema da ordem de apresentação. É certo que as entradas não são todas iguais, nem em extensão, nem em qualidade, dependendo muito de sobre o seu conteúdo ter havido ou não trabalhos recentes de investigação arquivística e bibliográfica, segura e actualizada. Mesmo assim, de um modo geral, permite o acesso a muitas instituições diocesanas, monásticas e religiosas - outrora e actualmente, dispersas ao longo do território que hoje é Portugal -, a aspectos culturais e administrativos, assistenciais, etc., alguns, até agora, de difícil integração, numa visão de conjunto.

Apesar do importante contributo informativo patente nos quatro volumes do *Dicionário*, os assuntos e a possibilidade de novas entradas não ficaram esgotados, pelo que não será de estranhar se, em breve, começarem a surgir os suplementos, a que também já outras obras nos habituaram.

Obra de boa execução gráfica, como se impunha numa Editora desta qualidade, independente de outros aspectos de pormenor, como localização errada de um mosteiro ou paróquia, confusão entre oragos, por exemplo: Sto. André de Fiães (Barroso) por Sta. Maria de Fiães (Melgaço) (I, 148), aproveitamento de cartografia oriunda de estudos fragmentários anteriores, que deveria ter sido reelaborada para oferecer uma visão unitária do património estudado (I, 278-279) ou até mesmo simples divergências do número de paróquias, sem a conveniente explicação (I, 150 e 197), etc., são inevitáveis em obras desta natureza e extensão, onde nem sempre é possível a necessária coordenação e revisão, que evitaria algumas repetições e até uma ou outra digressão por áreas que pouco ou nada tinham a ver com o assunto que estava a ser exposto.

É obvio que uma melhor coordenação entre os autores de entradas aproximadas, aliás sempre desejável e que nem sempre o tempo e / ou o temperamento dos autores consentem, valorizaria o resultado final.

Apesar de quanto fica dito, como amostra e com *espírito construtivo*, felicito os Responsáveis, Colaboradores e a Editora e formulo os melhores votos pela conclusão da obra e pela sua intensa difusão.